



## Modalidades verbais e não-verbais na interacção face a face: duas reparações

Isabel Galhano Rodrigues (Universidade do Porto)\*

RESUMO: Com o exemplo de reparações, pretende-se exemplificar, por um lado, como uma análise multimodal da interacção face a face pode decorrer; por outro lado, como falante e ouvinte usam as diferentes formas de meios verbais e não verbais e as escolhem conforme a capacidade destes de os apoiar o melhor possível na satisfação dos seus interesses comunicativos.

Palavras-chave: Interacção face a face; Comunicação verbal e não-verbal; Multimodalidade; Conversação.

### Introdução

Actualmente, a maioria dos linguistas que analisam a interacção face a face entende-a como um produto dinâmico da cooperação entre os interactantes e considera a existência de uma ligação muito estreita entre a fala e os movimentos do corpo (SCHMITT, 2005) – por outras palavras, aquilo que Poyatos entende por uma “tripartite activity of speech” (POYATOS, 1992, p.XVIII). Na verdade, todas as modalidades comunicativas na interacção face a face se coordenam no que diz respeito ao desempenho das funções pragmáticas, à estruturação do discurso e à transmissão de significados. Um dos objectivos deste trabalho é precisamente mostrar a grande variedade de meios verbais e não-verbais que o falante (e o ouvinte) tem à sua disposição para o apoiar na construção da vez e que escolhe de acordo com os seus interesses comunicativos; o outro é demonstrar como pode decorrer uma análise multimodal da interacção face a face. As **modalidades** aqui analisadas são **verbais**, constituídas por hesitações, pausas e outras características prosódicas, partes de sílabas, sílabas, partes de palavras, palavras, frases e partes de frases, e **não-verbais**, como os movimentos e não-movimentos da cabeça, do tronco, dos olhos, da face (mímica) e das mãos e braços (gestos). Como exemplo, escolheu-se um segmento de uma interacção face a face em que se verificam várias reparações sucessivas.

Depois de apresentar algumas unidades de análise e o que se entende por **reparação**, procede-se a uma descrição microanalítica da fala e dos movimentos do corpo do exemplo acima referido. Dar-se-á atenção à coordenação das várias modalidades não-verbais entre si e com a fala, tendo em linha de conta aspectos

---

\* [igalhano@gmail.com](mailto:igalhano@gmail.com)

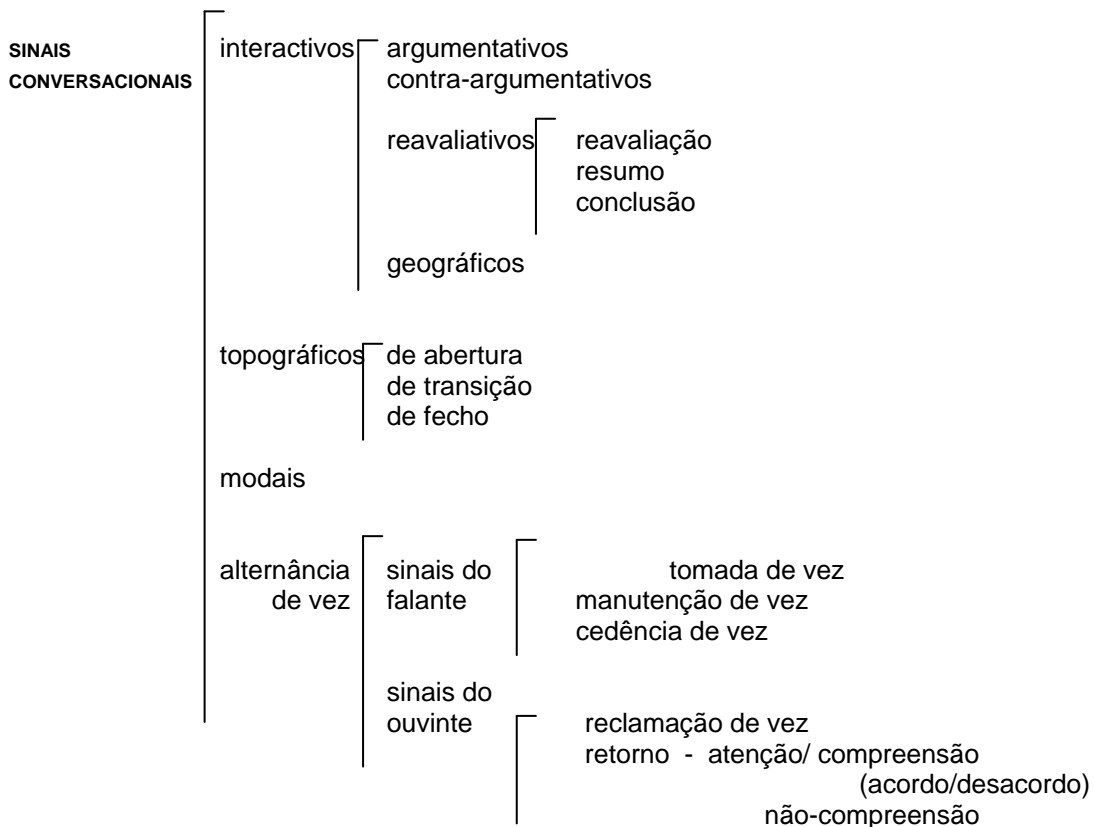
O texto Da linguagem humana ao processamento humano da linguagem foi inicialmente apresentado pela autora por altura da comemoração dos vinte anos da Associação ortuguesa de Linguística. Esta conferência que foi proferida a convite da Direcção, foi inicialmente publicada nas respectivas Actas da APL, encontra-se online em versão pdf no sítio <http://www.apl.org.pt/conteudos/docs/ihf.pdf> e a sua publicação na revista Veredas foi alvo de permissão por parte da Direcção da APL e da autora.



relacionados com o significado e com as funções conversacionais. Estas últimas serão abordadas no parágrafo seguinte.

## 1. Bases teóricas

Parte-se do princípio de que tanto os elementos verbais como os não-verbais podem ser analisados e descritos com base nas mesmas categorias funcionais. Estas categorias fundamentam-se sobretudo nas seguintes áreas teóricas: a *Ethnometodological Conversation Analysis* (SACHS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974), a Análise Conversacional alemã, a *Konversationsanalyse* (HENNE, REHBOCK, 1982; BRINKER e SAGER, 1996), e a Análise do Discurso (SINCLAIR e COULTHARD, 1975, ROULET *et al.*, 1985). As categorias consideradas abrangem quatro níveis da interacção: o do desenvolvimento temático (interactivo), o das relações estruturais entre as diferentes unidades conversacionais (topográfico), o da expressão das emoções (modal) e o das relações sociais entre os parceiros da interacção no que diz respeito à distribuição dos papéis de falante e de ouvinte (interaccional ou de alternância de vez). São estes quatro níveis em que se fundamenta o grupo funcional dos sinais conversacionais, definidos como unidades da conversação linguísticas, não-linguísticas e não-verbais, susceptíveis de desempenhar diferentes funções e subfunções (ver esquema a seguir) a diferentes níveis pragmáticos. Caracterizam-se por serem polissémicos e polifuncionais (cf. RODRIGUES, 1998, p.70-96).





(desacordo)

Na análise dos **fenómenos prosódicos**, seguiram-se os princípios teóricos da Fonologia Interaccional e da Linguística Interaccional (cf. SELTING e COUPER-KUHLEN, 2000), perspectivas que se baseiam, em grande parte, na *Contextualization Theory* desenvolvida por GUMPERZ (1982), segundo o qual os fenómenos prosódicos são pistas de contextualização importantes para a codificação e descodificação da fala.

No que diz respeito ao tratamento da **comunicação não-verbal**, tomaram-se em conta os resultados das investigações realizadas no âmbito de várias áreas disciplinares sobre diferentes formas e funções de movimentos do tronco e da cabeça, da orientação do olhar, da mímica e dos gestos<sup>1</sup>.

## 2. Unidades de análise

As unidades de análise serão em seguida apresentadas em três grupos distintos: o dos elementos que formam os enunciados, o dos fenómenos prosódicos e o da comunicação não-verbal. Embora estas unidades já tivessem sido descritas em diversos trabalhos da minha autoria (cf. RODRIGUES, no prelo/a, no prelo/b, no prelo/c), parece-me conveniente passá-las mais uma vez em revista:

### 2.1. Unidades de análise dos enunciados

As unidades de conversação que permitiram a segmentação dos enunciados e que, por sua vez, serviram de base para a classificação dos sinais conversacionais são

- o **sistema de alternância de vez** – e as suas diversas sub-funções<sup>2</sup>;
- a **vez** - que é idêntica ao *turn* de Goffman (1966), definido como o que um indivíduo diz e faz quando tem a palavra;
- o **acto conversacional** - uma unidade comunicativa, em cuja produção participam em simultâneo o falante e o ouvinte; parece corresponder ao *move* de Goffman (1976, p. 272) e é mais do que o *speech act* de Searle (1984), pois considera a participação simultânea do falante e do ouvinte (cf. RODRIGUES, 1998, p. 35-36);
- os **sinais conversacionais** – (ver o esquema na página anterior).

Estas categorias também se aplicam às modalidades não-verbais, pois um movimento do corpo também pode ser um sinal conversacional, um acto conversacional ou constituir uma vez, mesmo que não seja acompanhado por enunciados verbais.

### 2.2. Unidades e parâmetros de análise dos fenómenos prosódicos



As unidades de análise que pertencem ao nível supra-segmental e os parâmetros cujas variações marcam descontinuidades/contrastes entre partes da fala são os seguintes:

- **unidade entoacional**, geralmente com um acento primário e, muitas vezes, com um ou mais acentos secundários e ostentando determinadas características prosódicas que as distinguem de outras unidades envolventes. A unidade entoacional coincide, na maioria dos casos (mas nem sempre), com o acto conversacional;
- a **altura de tom** ou a variação da altura de tom da última sílaba da unidade tonal é muito importante para a sua análise funcional. Pode assim registar-se um movimento ascendente que alcança um nível de altura de tom alto (?), ou médio (,), um movimento descendente que atinge um nível baixo (.), ou médio (;) e a manutenção da mesma altura de tom (-)<sup>3</sup>;
- a **intensidade da voz** é o parâmetro prosódico que determina o **acento** de frase;
- a análise da prosódia na interação comprovou também que não se pode definir a unidade entoacional como contendo apenas um acento primário: há casos de **colisões de batidas** (cf. Auer e Couper-Kuhlen, 1994, p. 86; Uhmman, 1997, p. 204) em que o acento recai sobre várias sílabas sucessivas. A **ênfase** assim colocada nestas sílabas confere ao enunciado um determinado significado comunicativo. Outros parâmetros que caracterizam o **estilo enfático** (cf. SELTING, 1995, p. 249) são subidas de altura de tom e a impressão de menor velocidade;
- o parâmetro **quantidade**<sup>4</sup>, que determina a quantidade de sílabas articuladas por unidade de tempo, é responsável, por exemplo, por prolongamentos de sons, que podem dar a impressão de fala lenta, ou pelos sons produzidos por movimentos articulatórios rápidos, que, por sua vez, dão geralmente a impressão de fala rápida. No entanto, a **impressão de velocidade** da fala depende também da intensidade: Uhmman (1997) mostrou que os critérios que dão a impressão de fala mais rápida ou de fala mais lenta são vários modos de combinação de **densidade I** (quantidade de sílabas produzidas por unidade de tempo) e **densidade II** (quantidade de sílabas acentuadas por unidade de tempo);
- ligadas à impressão de velocidade encontram-se também as **pausas vazias** (de duração variada), **pausas cheias** e **prolongamentos** de sons, que caracterizam a fala hesitante (GOLDMAN-EISLER, 1972);
- outra categoria a considerar é o **ritmo** (AUER, COUPER-KUHLEN, 1994, p. 85 segs.), que tem um papel importante na organização da conversação, estabelecendo relações de coesão dentro da vez, e na alternância de vez, em que a integração ou não-integração rítmica na passagem de uma vez para outra pode ser muito significativa (COUPER-KUHLEN, 1983, p. 97 segs.).

### 2.3. Unidades e parâmetros de análise da comunicação não-verbal

Na análise de todas as modalidades não-verbais, há dois aspectos importantes a ter-se em conta: diferença/descontinuidade/contraste e



identidade/continuidade/fusão. A descontinuidade manifesta-se em movimentos de orientação oposta, por exemplo, para a esquerda e para a direita; a continuidade, em movimentos com as mesmas orientações: para a direita e um pouco mais para a direita; ou a iniciação de um movimento circular e a continuação desse movimento. Interessa também considerar as séries repetidas de movimentos de contraste (para a direita e para a esquerda, ou para cima e para baixo) e de movimentos circulares, no mesmo sentido ou em sentidos opostos, que formam padrões rítmicos. A cabeça e os braços/mãos são as partes do corpo que mais facilmente executam estes tipos de movimentos.

Para analisar o **gesto**, não só nas diferentes fases da sua trajectória, mas também como um movimento inserido numa sequência de outros movimentos, recorre-se, sempre que necessário, à classificação sugerida por McNeill (1992, p. 82-83), baseada na hierarquia do gesto proposta por Kendon (1980, p. 214). Sendo assim, a unidade máxima é a **unidade gestual**, composta por **sintagmas gestuais (gestos)** formados pelas **fases gestuais de preparação** - (facultativa), **paragem ante-golpe** - (facultativa), **golpe** (obrigatório) - a amplitude máxima do esforço no gesto; uso também o termo **batida do gesto** para designar um golpe de gesto, em cuja fase terminal a mão bate contra uma superfície - uma característica que define a classe dos gestos batuta; **paragem pós-golpe** (facultativa), **retracção** - (facultativa) (cf. MCNEILL, 1992, p. 83).

Na realidade, as categorias **gesto** e **fase gestual** são apenas instrumentos de análise concebidos para casos, empiricamente observáveis, mas ideais, pois um gesto nem sempre é tão claro como estas categorias deixam transparecer: durante a sua execução, está sujeito a alterações de percurso, a interrupções, etc. Embora esses fenómenos de descontinuidade também se manifestem nos movimentos de outras partes do corpo, no caso dos gestos são mais visíveis: como as articulações dos braços e das mãos permitem uma grande variedade de movimentos precisos e complexos, qualquer alteração na trajectória é facilmente notada.

Sob o ponto de vista estrutural e de organização da conversação, a subunidade sintagma gestual /gesto pode fazer-se corresponder a outra forma de movimento de outras partes do corpo (por exemplo a um movimento de rotação da cabeça para um lado, ou a uma inclinação do tronco para a frente). A estes casos aplica-se o conceito de **sintagma de movimento**, indicando, assim, que se trata de uma unidade equivalente ao gesto, embora esta solução não me pareça adequada para referir um movimento bidimensional e unifásico. Os critérios considerados para a identificação/segmentação de um movimento são a **amplitude** e a **forma da trajectória** do movimento, assim como o tempo de **repouso** ou de **paragem (congelamento)** do movimento das partes do corpo (que contrasta com a fase de movimento). Assim, em movimentos menos definidos ou mais complexos, uma unidade de movimento é delimitada pelos pontos de maior amplitude (que pode ser muito reduzida) da sua trajectória. Outra unidade corresponderá à quantidade de tempo que os olhos fixam o mesmo ponto. Neste caso, não se pode falar de movimento, mas de um congelamento, isto é, uma unidade estática chamada **não-movimento**<sup>5</sup>.





### 3. Reparação

A reparação, um mecanismo autocorrectivo que faz parte integrante da organização da fala na interacção e que os interactantes têm à sua disposição para melhorar progressivamente os enunciados à medida que estes vão sendo produzidos, é um fenómeno que foi estudado com grande interesse pelos fundadores da Análise Conversacional Etnometodológica (SCHEGLOFF, 1992, p. 1.299). Conhecido por *organization of repair* (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACHS, 1977, p. 362; SCHEGLOFF, 1992, p. 1.341) e concebido para o caso do inglês americano e continua a ser uma das características da conversação mais estudadas no âmbito desta corrente teórica.

Segundo Schegloff, distinguem-se dois tipos principais de reparação: a reparação iniciada pelo falante (**reparação auto-iniciada**), localizada na vez em que ocorre o desarranjo, isto é, o *trouble source* ou o *repairable* (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACHS, 1977), e a reparação iniciada pelo outro (**reparação alter-iniciada**), na vez a seguir ao desarranjo<sup>6</sup> (SCHEGLOFF, 1992, p. 1.341). A própria reparação pode ainda ser realizada pelo próprio ou pelo outro. Estes diferentes tipos de reparação estão sujeitos a uma ordem de preferências - a primeira é a forma **preferida**, a menos marcada, aquela que menos ameaça a face dos parceiros e, consequentemente, menos prejudica a sequência harmoniosa das vezes. A última é a forma **despreferida** que, pelo seu carácter mais ameaçador da face, pode dar origem a fases de reparação mais longas que se estendem por várias vezes (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACHS, 1977, p. 375-377). Para evitar a sequência despreferida, a reparação é tendencialmente iniciada na vez actual, antes do momento em que a sequência despreferida se torne possível. As alter-iniciações, como sequências despreferidas, são realizadas com um certo atraso relativamente ao *repair-space* ou *repair-initiation opportunity space*<sup>7</sup>, oferecendo ao falante um *expanded transition space*, uma oportunidade extra para se autocorrigir (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACHS, 1977, p. 374-376).

O trabalho de Schegloff é demasiado exaustivo para se descrever em poucas linhas. Pode acrescentar-se apenas que o autor teve sempre a preocupação de procurar regularidades formais em determinados encadeamentos da vez, tarefa esta que vinha ao encontro do seu conceito de *syntax-for-conversation*, aliás defendido por outros autores, nomeadamente para o caso da reparação (cf. UHAMNN, 2001).

O estudo da reparação, abrangendo também a comunicação não-verbal, permitiu detectar outras facetas deste fenómeno. Por exemplo, GOODWIN (1981) mostra que muitas reparações não se devem a problemas de codificação do discurso, mas sim a questões interaccionais: muitas vezes, quando o falante começa a falar e vê que o ouvinte não está a olhar para ele (o que seria a situação preferida<sup>8</sup>), atrasa propositadamente a introdução da informação que pretende dar a conhecer. Assim, enquanto espera que o ouvinte olhe para ele, "preenche" a sua vez com repetições de temas já mencionados, com elementos já produzidos, provoca prolongamentos, pausas cheias, ou acrescenta mais constituintes ao enunciado. Estes meios a que o falante recorre para "esperar" não fazem parte de uma fala fluida, antes, representam descontinuidades da cadeia sonora. Sendo assim, o fenómeno de reparação é utilizado como um disfarce para a actividade de solicitar



abertamente ao ouvinte que olhe para ele, uma actividade demasiado ameaçadora para a face e, como tal, despreferida.

Outros autores ocuparam-se da relação entre os gestos e as pausas na procura lexical, actividades que constituem casos específicos de reparação (cf. FORNEL, 1991; MÜLLER, 1994; MÜLLER e INGWER, 1999). Müller conclui que os gestos dão indicações ao ouvinte relativamente ao conteúdo, qualidade e estado da procura lexical. Além disso, os gestos durante as pausas mostram que, apesar do silêncio, o falante ainda não terminou a sua vez (MÜLLER e INGWER, 1999, p. 271-272). Deste modo, os gestos dão às pausas uma dimensão material (fornecendo indicações sobre as características semânticas, morfológicas e de organização da pausa) e indicam que as actividades do falante não terminaram. Através da análise dos gestos e das pausas na fala, a autora pretende confirmar e completar os trabalhos empíricos de Schegloff para uma *syntax-for-conversation*. Porém, para a completação dessa *syntax-for-conversation*, também é necessário ter em conta a prosódia e o contributo de outras modalidades de comunicação não-verbal, aspectos que Müller não explora.

A **prosódia na reparação** foi por sua vez estudada no âmbito da teoria da Linguística Interaccional. Selting (1996) assinala vários tipos de problemas que estão na origem da reparação e que podem ser detectados a partir da entoação e da marcação/não-marcação prosódica da fase de iniciação da reparação. Outras características prosódicas apontam para questões de acordo/desacordo entre os interactantes. Um fenómeno prosódico típico nas reparações é a velocidade da fala – mas rápida do que a fala envolvente – que COUPER-KUHLEN (1992, p. 345) atribui a uma necessidade de recuperar o tempo perdido e resolver o problema o mais depressa possível. UHMANN (1997, p. 207-208) atribui a este aumento da velocidade uma função onomatopaica ou icónica. O ritmo também tem um papel importante na reparação. Geralmente é integrado no caso de reparações devidas a problemas de audição; não é integrado no caso de reparações devidas a questões referenciais (COUPER-KUHLEN, 1992). Os dois tipos de integração/não-integração rítmica podem ser usados de diferentes modos: quando a integração rítmica é usada para disfarçar (modalizar) reparações referentes a questões referenciais, esta funciona como um tipo de disfarce (prosodic camouflage), um modo de evitar ameaçar a face do outro. Na vez a seguir à reparação pelo outro, o ritmo é integrado quando a reparação é uma confirmação do outro parceiro; é não-integrado quando a reparação é correctiva do próprio falante ou do outro parceiro.

Resumindo o que aqui foi apresentado sobre a reparação, pode-se concluir, de um modo menos formal do que o seguido pela Teoria da Análise Conversacional Etnometodológica, que reparação é uma estratégia de "superação de algo indesejável". Essa superação está condicionada por inúmeros aspectos contextuais e interpessoais e tem um determinado fim dentro do contexto em que se encontra. Além disso, o "problema" a superar pode ter as mais diversas origens. Qualquer estudo que incida sobre o funcionamento da reparação deverá, necessariamente, distinguir vários grupos de reparação com base no critério "origem do problema", facto que Schegloff parece não ter considerado e que influencia as características formais de cada reparação.

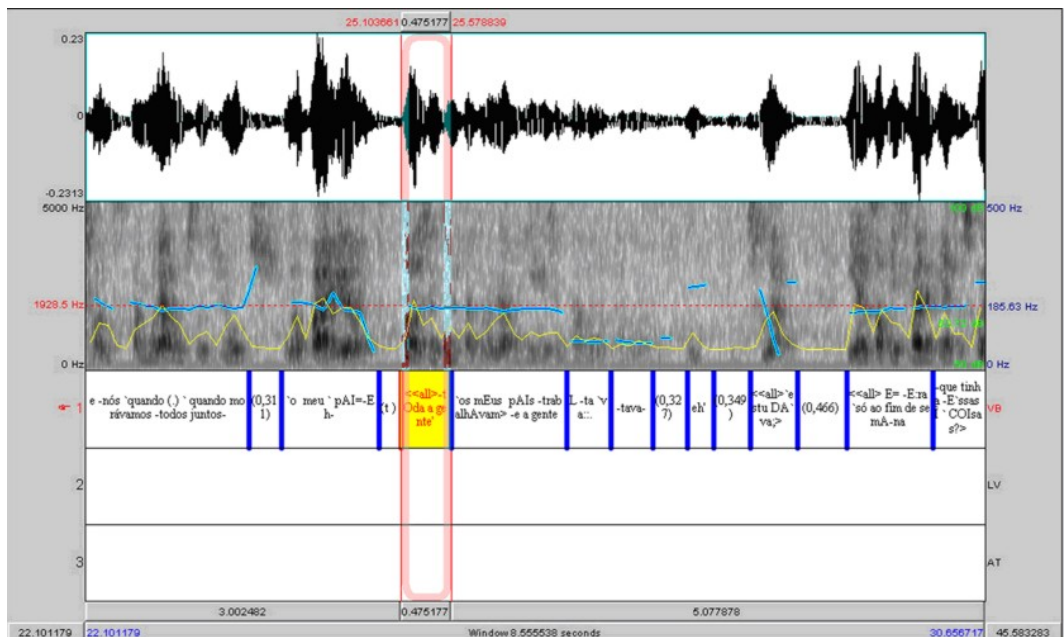


#### 4. Análise de um exemplo

O exemplo que se analisa a seguir foi retirado de um *corpus* constituído por gravações vídeo de situações de interacção face a face entre três estudantes a quem foi pedido que discutissem sobre vários temas. Nesta passagem, encontram-se várias situações de reparação em fases introdutórias de uma narrativa oral, em que o falante interrompe a linha temática principal, com o objectivo de introduzir outras informações necessárias para a contextualização da narração.

##### Transcrição da fala:

- 02-18 LV: <<g>´=cOmple`tamEnte;> (0,264)  
 02-19 <<all>-o meu pAI entrAva `em `pÂ`nico.>  
 02-20 [(0,420)(minha nossa)]  
 3p2-21 AT: [(((riso)) )]  
 3p2-22 VB ´e -nós `quando (.) `quando mo`rÁvamos -todos juntos-  
 3p1-23 (0,311) ↑`o ´meu `pAI=  
 → 3p2-24 <<all>=-Eh- (clique) -tOda a gente'  
 3p2-25 ↑`os ´meus ´pAIs -trabalhavam->  
 3p2-26 -e a gente ↓-ta`va:: -tava- (0,327) eh'eh'  
 3p2-27 <<all>`estu`DA`va;>  
 02-28 ((0,466-inspiração))´E=-E:ra` só ao fim de se´mA-na -que  
 tinha-E`ssas↑`COI-sas,



REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P2 (22) - (27).





Esta passagem corresponde a uma fase de uma interação face a face em que as parceiras falavam sobre a situação da mulher e de certas atitudes dos homens em casa. Cada uma destas estudantes falava da sua experiência com o pai e com os irmãos. A falante VB toma a vez num PT (ponto de transição<sup>9</sup>), o momento de riso que marca o fim da vez da falante antecedente (AT).

**Tomada de vez:** O acto (22) é uma espécie de anúncio que fornece aos ouvintes as informações necessárias para interpretar o que vai ser dito como uma narração de algo que se passou num determinado lugar e com determinadas personagens. A categoria linguística que desempenha aqui o papel mais relevante é o imperfeito do indicativo, o tempo verbal que faz parte do sistema de tempos verbais do discurso fictício/inactual e que permite uma ancoragem no plano de enunciação narrativo<sup>10</sup>. A conjunção temporal "*quando*" contextualiza esta ancoragem, quer dizer, faz com que o discurso narrativo seja indubitavelmente entendido como tal pelos ouvintes. Depois de, com alguma hesitação (que se manifesta na repetição de "*quando*" e na pausa vazia da linha 23, antes de "*o pai*"), estar criado o cenário (viver juntos, certamente numa casa<sup>11</sup>) e apresentadas as personagens ("*nós*"), de acordo com o que deve ser o enquadramento das informações dadas, a falante prepara-se para narrar um determinado episódio passado com uma das personagens – o pai (23).

**Iniciação da reparação 1 /auto-reparação 1:** em (24), a falante muda de intenções e, seguindo novos propósitos, altera a ordem pela qual ia fornecer as informações, verbalizando um constituinte que refere o conjunto de todas as personagens<sup>12</sup> ("*toda a gente*") (24). A iniciação da reparação realiza-se através da pausa cheia ("*eh*"), produzida com uma intensidade de voz quase tão elevada como a sílaba do acento primário em "*pa*". Esta pausa foi seguida de um clique (um pequeno estalido por sucção, ao afastar-se a língua do palato), com o significado de aborrecimento e irritação, um som que se emite quando alguém se engana e fica irritado com isso. A reparação consiste no novo arranque com a produção do constituinte "*toda a gente*" com um aumento de velocidade e uma altura global de tom mais elevada do que a fala antecedente, como se a falante pretendesse recuperar o tempo perdido com a hesitação.

**Auto-reparação 2:** a seguir à enunciação de "*toda a gente*", VB pára de novo e, altera mais uma vez as suas intenções comunicativas, introduzindo outro constituinte, sintacticamente idêntico ao antecedente – "*os meus pais*" – e completa a frase com "*trabalhavam*". Esta reparação passa quase despercebida. Pode falar-se aqui de uma reparação disfarçada, marcada sintacticamente pela repetição de um constituinte e, sob o ponto de vista prosódico, por um ataque com uma altura de tom mais elevada do que a fala precedente (ver imagem da página anterior).

**Iniciação à reparação 3 /auto-reparação 3:** no enunciado (26), a falante introduz a restante informação - "*a gente*" -, que aliás já verbalizara antes, mas que preferira fazer anteceder de outra. A seguir hesita de novo, certamente para escolher a informação que pretende dar e que considera mais adequada para o contexto interaccional. Durante este processo de escolha, VB repetiu sílabas, prolongou vogais (*tava, tava:::*) e emitiu pausas cheias ("*eh*"). As palavras que se seguem a esta hesitação constituem a reparação e põem fim a este momento



despreferido. Foram pronunciadas com um aumento de velocidade da fala e com um contorno entoacional descendente. Este último confere-lhe a propriedade de fecho da passagem antecedente, i.e., da série de enunciados que serviu para contextualizar a narração, a saber de (22) a (26).

**Descrição da comunicação não-verbal:** vejamos agora o que se passou a nível dos movimentos do corpo<sup>13</sup>:

↑`o´meu´pAI= - VB levanta um pouco mais a cabeça, olha para AT e, em seguida, para baixo; começa a erguer as mãos (imagem 1);

<<all>=-Eh- - VB levanta e abre ambas as mãos, com as pontas dos dedos voltados para o chão; vira a cabeça para LV, mantendo o olhar para baixo (imagens 2 e 3);

(clique) - VB junta de novo as mãos, palmas para baixo; olha para LV (imagem 4);

-tOda a gente' - VB levanta um pouco o braço esquerdo, mão ao nível do peito, fechada, polegar apontando para cima; continua a olhar para LV (imagens 5 e 6);

↑`os´meus´pAIs - VB vira a mão esquerda de novo para fora, palma para baixo; olhos para baixo; roda a cabeça para AT, em direcção oposta à antecedente (imagens 7 e 8);

-trabalhavam-> - VB vira a mão esquerda de novo para dentro (imagens 9 e 10);

-e a gente - VB vira a mão esquerda novamente para fora; olha para AT (imagem 11);

↓-ta`va:: -tava- (0,327) - VB vira a mão esquerda para baixo e recolhe-a; olha para baixo (imagens 12, 13, 14 e 15);

eh'eh' - VB olha de novo para AT, abre a mão esquerda e vira-a para fora, inclina a cabeça para a esquerda com um ligeiro encolher de ombros (como se sujeitasse à escolha da informação que decide dar) (imagens 16, 17 e 18);

<<all>`estu`DA`va;> roda a mão esquerda de novo para fora e, a seguir, recolhe as mãos para dentro, junto ao corpo (imagem 19).

**Comentário:** O momento em que VB mostra uma dificuldade de planeamento do seu discurso está patente na pausa cheia (“eh”); neste momento, o gesto iniciado simultaneamente a verbalização de “o meu pai” ainda se encontrava na fase de golpe; no entanto, o olhar que a falante tinha dirigido para a ouvinte AT nesse instante já tinha sido desviado para baixo (imagens 2 e 3). Isso indica que a falante precisou de se concentrar para pensar no que estava a dizer. O pequeno clique com a língua – que vem anular o que fora dito antes – é, por sua vez, acompanhado pelo regresso das mãos à posição de repouso e pela orientação do olhar para a outra ouvinte (LV) (imagem 4). Pode dizer-se que o clique e a retoma da posição de repouso das mãos constituem um  **sinal topográfico de fecho**, que põem fim à fase de hesitação; em contrapartida, a orientação do olhar para outra ouvinte indica que a falante quer continuar a falar. Tem uma orientação proactiva e é um  **sinal topográfico de abertura**. Aqui está um exemplo de como diferentes modalidades podem simultaneamente encarregar-se de dar indicações distintas relativas ao nível de desenvolvimento temático. Este conjunto de modalidades e de funções (de fecho e de abertura) poder-se-ia identificar como um  **sinal topográfico de transição composto**. Ao nível de alternância de vez funciona como um  **sinal de manutenção**



**de vez**, pois indica que, apesar de uma perturbação ao nível de estruturação do discurso, a falante pretende manter a vez.

No novo arranque em (24) – “*toda a gente*” – a falante levanta ligeiramente o braço esquerdo, mantendo a mão quase relaxada à frente do peito. Parece tratar-se de uma fase de preparação para outro golpe de gesto. A orientação do olhar para LV mantém-se (imagens 5 e 6). O verdadeiro golpe acompanha a verbalização da reparação disfarçada “*os meus pais*”, em que se encontra também a proeminência prosódica da unidade entoacional que coincide com o acto (25) (imagens 7 e 8). Aqui o golpe do gesto é mais definido e amplo, o que, juntamente com a orientação do olhar para uma ouvinte, também parece ser um indicador de reparação.

A partir deste momento, a dificuldade parece estar superada e o discurso estruturado. Estando tudo a correr bem, a falante já não precisa de defender a sua vez e orienta o olhar para baixo para se concentrar – embora vire a cabeça na direcção da outra ouvinte, não olha para ela. O outro constituinte do acto - “*trabalhavam*” - é acompanhado por um gesto com uma trajectória na orientação oposta à do antecedente.

Esta sequência de gestos com características morfológicas idênticas e trajectórias opostas é continuada no acto seguinte (26): um gesto na orientação oposta à do antecedente acompanha os elementos “*a gente*” (imagem 11). É uma espécie de gesto batuta que, criando um ritmo na conversação, também funciona como sinal de abertura, focalizando elementos importantes na fala e criando expectativas relativamente à realização de futuros eventos, ou seja, à verbalização de mais elementos importantes. Mas também em (26) surge uma hesitação, evidente no prolongamento da vogal de “*tava*” e na repetição desta palavra. Também aqui a mão esquerda regressa à posição que antecederia o golpe (imagens 12, 13, 14 e 15). A seguir, a falante orienta o olhar para a ouvinte AT e encolhe ligeiramente os ombros. Este movimento transmite a atitude (de aquiescência, de cedência perante as circunstâncias) da falante relativamente à informação que vai dar - os ouvintes ficam sem saber a informação que VB preferiu não transmitir. Após esta fase de hesitação, a falante verbaliza a parte do acto que faltava - (27) “*estudava*”. Simultaneamente, faz de novo um gesto de abertura na orientação oposta ao antecedente (imagem 19). À verbalização deste elemento, a que atrás foram atribuídas propriedades de terminação, segue-se a fase de retracção do gesto de abertura e o regresso à posição de repouso. As características prosódicas de terminação, a paragem da gesticulação e o regresso a uma posição de repouso representam o fim de uma unidade de gesto e constituem **sinal topográfico de fecho composto**.



1

MEU PAI



2

EH



3

EH



4

T'



5

TODA



6

A GENTE



7

OS MEUS



8

PAIS





9 TRABALHA -



10 -VAM



11 GENTE



12 TAVA



13 TAVA



14 (PAUSA)



15 (PAUSA)



16 EH





17

PAUSA



18

(PAUSA)



19

ESTUDAVA



20

(INSPIRA)



21

ERA



No fim desta passagem, no momento de terminação de uma unidade comunicativa, VB inspira. Esta inspiração tem um carácter de abertura, porque mostra que a falante ainda não terminou a sua vez. Por este motivo, pode ser classificada como um  **sinal topográfico de abertura** (a nível de articulação entre os actos) e um  **sinal de manutenção de vez** (a nível de alternância de vez).

Outros aspectos que se podem deduzir do que aqui foi apresentado são os seguintes: a mudança de uma unidade gestual marca a  **diferença**, o  **contraste** e acompanha com frequência as mudanças temáticas. Em contrapartida, a manutenção de uma unidade gestual, formada por gestos com características morfológicas comuns, tem  **propriedades coesivas**. Isso verifica-se ao longo de toda esta passagem narrativa em que há um movimento de mão que predomina: o virar da mão esquerda para fora e para dentro. Como já se disse, ao mesmo tempo que estabelece uma relação coesiva entre os enunciados que constituem esta parte da vez de VB, este movimento marca o ritmo da fala.

No que diz respeito à narrativa oral, pode concluir-se que os actos (22) – (26) constituem um conjunto de actos conversacionais com a função de contextualizar um momento narrativo do discurso oral. Por outras palavras, fornecem as informações que a falante considera necessárias para que as ouvintes descodifiquem os enunciados que se seguem como uma narração de alguma coisa. Assim, VB zela não só pelo seu direito à vez, mas também por que a vez decorra o mais suavemente possível e por que as parceiras a ouçam com a devida atenção e interpretem a mensagem do modo como ela quer que seja compreendida.

ABSTRACT: the paper has two aims. 1. To exemplify, through repair strategies, how a multimodal analysis of face to face interaction can be achieved. 2. To demonstrate how speaker and hearer choose and use different forms of verbal and non-verbal means based on their ability to fit them the best they can to the satisfaction of their communicative purposes.

Key words: face-to-face interaction; verbal and non-verbal communication; multimodality; conversation.

### Notas explicativas:

<sup>1</sup> Não se usou nenhuma das tipologias do gesto (cf. EKMAN e FRIESEN, 1969; MCNEILL, 1992; POGGI, 2002) nem em classificações da comunicação não-verbal preexistentes. Por um lado, porque se pretendeu aplicar a classificação dos sinais conversacionais aos sinais não-verbais; por outro lado, visto as classificações existentes (para os gestos e para os movimentos de outras partes do corpo) não considerarem, de um modo claro, os diferentes níveis da interacção (o estrutural, o temático, o modal e o interaccional), por sua vez abrangidos pela classificação funcional (e polifuncional) dos  *sinais conversacionais*. Isso não significa que não se utilizassem algumas designações mais divulgadas de formas de gestos, como, por exemplo, a de McNeill (1992) que considera os gestos icónicos, metafóricos, dísticos, batuta e coesivos.

<sup>2</sup> Esta unidade corresponde ao  *turn-taking* da Análise Conversacional Etnometodológica (cf. SACHS, SCHEGLOFF, JEFFERSON, 1974) e à  *échange/exchange* da Análise do Discurso (cf. SINCLAIR, COULTHARD, 1975; MOESCHLER, 1994).

<sup>3</sup> Sinais de transcrição segundo GAT ( *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem*) em Selting  *et al.* (1998).



<sup>4</sup> Em vez usar o termo **quantidade** para referir o parâmetro auditivo cujo correlato acústico é a *duração*, utilizo termos que, devido à sua transparência, são preferidos para referir casos específicos ligados à quantidade, a saber, **velocidade** (velocidade da fala e velocidade de articulação) e **prolongamento** de som.

<sup>5</sup> O mesmo acontece com os movimentos/não-movimentos da cabeça: distinguem-se unidades dinâmicas (de mudança de orientação) e unidades estáticas. As séries de movimentos mais pequenos segundo os eixos vertical e horizontal, muitas vezes provocados pelas actividades de articulação da fala, só são consideradas no caso de expressarem uma maior emoção do falante/ouvinte. Outros movimentos realizados segundo os eixos vertical e horizontal são os **acenos** (repetições de movimentos para baixo e para cima) e os **abanos** (repetições de movimentos para a esquerda e para a direita ou da direita para a esquerda).

<sup>6</sup> De acordo com a definição de **vez** seguida neste trabalho, muitas das "vezes" referidas por Schegloff não são "vezes", mas sim actividades de ouvinte (comentários, pedidos de repetição, sinais de desacordo), não realizadas com vista a uma tomada de vez, mas sim como contribuição para a construção da vez em curso. É o caso das perguntas como *what?* referidas em SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACHS (1977, p. 367) que, segundo os autores, é um típico NTIR (*next-turn-initiated repair*). Tais perguntas foram tratadas em RODRIGUES (1998, p. 180-181) e classificadas não só como estratégias de reparação, mas também como formas típicas de sinais de retorno (sinais do ouvinte) que expressam desacordo.

<sup>7</sup> Cada posição em que a reparação é iniciada representa a posição em que pode ser iniciada e proporciona uma *repair-initiation-opportunity*, ou seja, é um *repair-initiation opportunity space*: "The organization of self- and other-initiation is, then, fundamentally located in the organization of repair-initiation OPPORTUNITY POSITIONS: this operates whether or not any repair is initiated, by self or other. The 'repair space' through which a repairable passes is, then, to be understood as a 'repair-initiation OPPORTUNITY space'" (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACHS, 1977, p. 375).

<sup>8</sup> A situação preferida relativamente à orientação do olhar é que o ouvinte esteja a olhar para o falante enquanto este fala; e é isso que o falante espera do ouvinte sempre que olha para ele. Sendo assim, pode-se considerar a orientação do olhar para o falante como uma das tarefas do ouvinte.

<sup>9</sup> Corresponde ao *transition-relevance place* de Sachs, Schegloff, Jefferson (1974, p. 702-704)

<sup>10</sup> Cf. Fonseca (1992, p. 183).

<sup>11</sup> VB não precisa de dar mais indicações porque os ouvintes, como membros da mesma cultura, sociedade, etc., partilham o mesmo conhecimento do mundo e sabem o que significa "viver juntos".

<sup>12</sup> Neste caso, teoricamente, "*toda a gente*" tanto se poderia referir a ela e às irmãs, como fazendo parte de um grupo separado dos pais, a todas as irmãs e à mãe, como fazendo parte do grupo das mulheres, sendo o pai o elemento masculino que contrasta com esse grupo, ou a todos juntos, pais e filhas. Considerando o contexto dos enunciados e o co-texto na sequência das vezes, a última interpretação parece ser a mais provável.

<sup>13</sup> Para descrever a comunicação não-verbal, usou-se o programa de anotação ANVIL (KIPP, 2004).

## Referências

- AUER, P.; COUPER-KUHLEN, E. Rhythmus und Tempo konversationeller Alltagssprache. *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, n. 96, p. 78-06, 1994.
- BRINKER, K.; SAGER, S. *Linguistische Gesprächsanalyse. Eine Einführung*. Berlin: Ehrich Schmidt Verlag, 1996. 184p.
- COUPER-KUHLEN, E. Intonatorische Kohäsion. Eine makroprosodische Untersuchung. *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, n. 49, p.74-100, 1983.



- \_\_\_\_\_. Contextualizing Discourse. The prosody of interactive repair. In: AUER, P.; DI LUZIO, A. (Eds.). *The contextualization of language*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 337-364.
- EKMAN, P. The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding. In: *Semiotica*, v. 1, n. 1, p. 49-98, 1969.
- FONSECA, F.I. *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1992. 360p.
- FORNEL, M. DE. De la pertinence du geste dans les séquences de réparation et d'interruption. In: CONEIN, B ; FORNEL, M. DE/ QUÉRÉ, L. (Eds.) *Les Formes de la conversation*. Vol. 2. Paris : Réseaux. p. 119-153, 1991.
- GOFFMAN, E. *Behavior in Public Places*. 3 ed. New York: The Free Press, 1966.
- \_\_\_\_\_. Replies and responses. *Language and Society*, n.5, p. 257-313, 1976.
- GOLDMAN-EISLER, F. Pauses, clauses, sentences. In: *Language and Speech*, n. 15, p. 103-113, 1972.
- GOODWIN, C. *Conversational Organization. Interaction between speakers and hearers*. New York: Academic Press, 1981. 195p..
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. 225p.
- HENNE, H.; REHBOCK, H. *Einführung in die Gesprächsanalyse*. 2.ed. Berlin: Walter de Gruyter, 1982. 330p.
- KENDON, A. Gesticulation and Speech: two aspects of the process of utterance. In: KEY, M.R. (Ed.). *The relationship of verbal and nonverbal communication*. The Hague: Mouton, 1980. p. 208-227.
- KIPP, M. *Gesture Generation by Imitation – From Human Behavior to Computer Character Animation*. Florida: Roca Raton, 2004.
- MCNEILL, D. *Hand and Mind*. Chicago Il.: Chicago University Press, 1992. 416p.
- MOESCHLER, J. Das Genfer Modell der Gesprächsanalyse. In: FRITZ, G.; HUNDSNURCHER, F. (Eds.). *Ethnomethodologische Konversationsanalyse*. Tübingen: Niemeyer, 1994. p. 69-94.
- MÜLLER, C. ¿Cómo se llama...? Kommunikative Funktionen des Gestikulierens in Wortsuchen. In: KÖNIG, P.; WIEGERS, H. (Eds.) *Satz-Text-Diskurs. Akten des 27. Linguistischen Kolloquiums, Münster, 1992*. Tübingen: Max Niemeyer, 1994. p. 71-80.
- MÜLLER, C.; INGWER, P. Gestikulieren in Sprechpausen. Eine konversationsanalytische Fallstudie. In: GEGGER, H.; GIOLEC, J.(Eds.) '*... wortlos der Sprache mächtig*'. *Schweigen und Sprache in der Literatur und sprachliche Kommunikation*. Stuttgart: Metzler, 1999. p. 265-282.
- POGGI, I. From a typology of gestures to a procedure for gesture production. In: WACHSCHMITH, I.; SOWA, T. (Eds.). *Gesture and sign language in human-computer interaction*. Heidelberg: Springer Verlag, 2002. p. 158-168.
- POYATOS, F. *Nonverbal communication across disciplines. Culture, Sensory Interaction, Speech, Conversation*. Vol. 1. Amesterdam: John Benjamins, 1992. 369p.
- RODRIGUES, I.G. *Os sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito Editores e Livreiros, 1998. 229p.



\_\_\_\_\_. Fala e movimentos do corpo na interação face a face. Estratégias de (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez. No prelo/a. Lisboa, Gulbenkian e FCT, 2007. 632f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, 2003.

\_\_\_\_\_. Konversationelle Funktionen der verbalen und nicht-verbalen Signale im portugiesischen Gespräch. Eine Reparatur. Comunicação apresentada no 6. DEUTSCHER LUSITANISTENTAG, 15-18 September 2005, Universität Leipzig. No prelo/b.

\_\_\_\_\_. Verbal and nonverbal signals in face-to-face interaction: A theoretical framework for a holistic micro-analysis. The example of a parenthesis”. Comunicação apresentada no 2<sup>nd</sup> ISGS CONFERENCE INTERACTING BODIES, Lyon, June 15-18, 2005. No prelo/c.

ROULET, E. ; AUCHLIN, A. ; MOUESCHLER, J. ; RUBATTEL, C. ; SCHELLING, M. (Eds.). *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang, 1985. 268p.

SACHS, H.; SCHEGLOFF, E.A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, n. 50, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, E. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. *American Journal of Society*, n. 97, v.5, p.1.295-1.345, 1992.

SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G.; SACHS, H. The preference for self correction in the organization of repair in conversation. *Language*, n. 53, p. 361-382, 1977.

SCHMITT, R. Zur multimodalen Struktur von turn-taking. *Gesprächsforschung - On-line Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, n. 6, p. 17-71, 2005. Disponível em: <<http://www.gespraechsforschung-ozg.de>> Acesso em: 30 mai. 2005.

SEARLE, J. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1984, 270p.

SELTING, M. Sprechstile als Kontextualisierungshinweise. In: STICKEL, G. (Ed.) *Stilfragen*. Berlin: Walter de Gruyter, 1995. p. 225-256.

\_\_\_\_\_. Prosody as an activity-type distinctive cue in conversation: the case of so-called 'astonished' questions in repair initiation". In: COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. (Eds.) *Prosody in Conversation. Interactional studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 177-231.

SELTING, M.; AUER, P.; BARDEN, B.; BERGMAN, J.; COUPER-KUHLEN, E.; GÜNTNER, S.; MEIER, C.; QUASTHOFF, U.; SCHLOBINSKI, P.; UHMANN, S. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). *Linguistische Berichte*, n. 173, p. 91-122, 1998.

SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. Argumente für die Entwicklung einer interaktionalen linguistik. In: *Gesprächsforschung - On-line-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, n. 1, p. 79-95, 2000. Disponível em: <<http://www.gespraechsforschung-ozs.de>> Acesso em: 1 mar. 2001.

SINCLAIR, J. McH.; COULTHARD, M. *Towards an Analysis of Discourse. The English used by teachers and pupils*. Oxford: Oxford University Press, 1975. 194p.

UHMANN, S. Contextualizing Relevance: On some forms and functions of speech rate changes in everyday conversation. In: AUER, P.; DI LUZIO, A. (Eds.) *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p 297-336.





\_\_\_\_\_. *Grammatische Regeln und konversationelle Strategien. Fallstudien aus Syntax und Phonologie.* Tübingen: Max Niemeyer, 1997. 282p.

\_\_\_\_\_. Some arguments for the relevance of syntax to same-sentence self-repair in everyday German conversation. In: SELTIN, M.; COUPER-KUHLEN, E. (Eds.) *Studies in Interactional Linguistics.* Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 373-404.